CADERNO ESPECIAL
# Fé e Cidadania

Edição 13
7 de fevereiro de 2024

Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e *links* citados.

O SÃO PAULO
NÚCLEO FÉ E CULTURA
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
NEDS

# A tão necessária amizade social

*Núcleo Fé e Cultura*

***Neste ano de 2024, a Campanha da Fraternidade, inspirada na encíclica do Papa Francisco,* Fratelli tutti, *nos convida a viver a "amizade social", a partir do lema "Vós sois todos irmãos e irmãs" (cf. Mt 23,8). A CF 2024 propõe um convite de conversão à amizade social e ao reconhecimento da vontade de Deus de que todos sejam irmãos e irmãs, em um caminho de verdadeira conversão, procurando o diálogo, a solidariedade e a construção do bem comum.***

CNBB

# A amizade social e o protagonismo das pessoas

*Rafael Marcoccia**

Na perspectiva do humanismo cristão, a pessoa existe e se realiza sempre em sociedade. Toda pessoa tende, por natureza, à doação e à participação, de modo a estar, por sua essência, orientada para o outro e para a sociedade. De fato, muitas vezes quando vemos outras pessoas que estão em uma situação pior do que a nossa, sentimo-nos impelidos a ajudá-las, compartilhando algo que é nosso.

Assim, as pessoas se organizam na sociedade em grupos dentro de um contexto de comunhão e afinidades, para responder às necessidades profundas na realidade; esses grupos nascem de uma atenção e consideração ao outro. A despeito do individualismo e egoísmo existentes, o ser humano é capaz de ser altruísta e mesmo de não ficar apenas nas atitudes pontuais ou em um sentimento de compaixão vago, mas ter um compromisso permanente de ser solidário. Claro que essas organizações sociais não são lugares idílicos, livres do erro ou do egoísmo. Elas podem ser, porém, espaços em que uma educação contínua ajuda todos a crescer, a alcançar uma percepção de si mesmo e da realidade, defendendo-o contra a mentalidade egoísta e individualista.

A amizade social, expressão cara ao Papa Francisco e tema da Campanha da Fraternidade 2024 – "Fraternidade e amizade social" – indica "uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade", superando os limites de geografia e espaço (*Fratelli tutti*, FT 1). É assim que seremos realmente "uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e que cuidam uns dos outros." (FT 96) por meio de ações e projetos, sejam individuais, sejam coletivos.

Entretanto, para a consolidação dessa amizade social é necessário mais do que propor ou executar ações benéficas pontuais. A Doutrina Social da Igreja nos ajuda a entender mais sobre isso, principalmente como o protagonismo das pessoas e das organizações sociais pode ser importante para uma solidariedade e fraternidade eficazes na vida social.

Vatican Media

É a consciência de destino comum que torna possível a solidariedade e a fraternidade. Cada um de nós cresce em valor e dignidade quando investe as suas capacidades na promoção do outro. A solidariedade e fraternidade implicam que aqueles que têm mais devem ser responsáveis pelos mais fracos e estar dispostos a compartilhar com eles o que possuem. Por seu lado, os mais fracos não devem adotar um atitude meramente passiva ou destrutiva do tecido social; mas fazer o que lhes compete para o bem de todos. É uma responsabilidade de todos para com todos, defendendo o protagonismo também dos mais necessitados, para que eles sejam autossuficientes.

Por essa razão, a amizade social acontece, de fato, quando o protagonismo das pessoas na resolução dos problemas sociais é respeitado. Cada pessoa ou organização social deve ter autonomia, criatividade e liberdade para decidir e atuar na realidade de acordo com seus valores e crenças, construindo o bem comum. Significa, enfim, reconhecer a capacidade de cada ser humano e sua comunidade de ser sujeito de sua própria história.

Assim, para que possamos caminhar rumo à amizade social, é imprescindível, portanto, que todos reconheçamos o valor do ser humano (FT 106-108) e levemos em conta o bem maior, baseado na benevolência, isto é, no "querer bem" ao outro (FT 112-113). A amizade social implica acolher a todos, incluindo os pobres, os abandonados, os doentes e os últimos da sociedade, sempre alimentada pelo senso de justiça, do cuidado do bem comum e da construção de uma cultura do diálogo, da reconciliação e da paz – mas sempre levando em consideração o fazer com, mais do que o fazer para.

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, professor do Centro Universitário da FEI

# Um fundamento sempre necessário

Núcleo Fé e Cultura

A amizade social não é apenas uma virtude a ser compartilhada entre cristãos e pessoas de boa vontade. É justamente a base para a superação de conflitos sociais inaceitáveis. Permite o diálogo e a empatia, condições para a construção dos justos consensos e a prática da solidariedade. É um princípio que podemos considerar "pré-político", mas fundamental para uma "política melhor".

O consenso, que implica um acordo geral sobre valores e objetivos, é essencial para a tomada de decisões democráticas e para a resolução de conflitos de forma pacífica. A solidariedade promove a união e a cooperação entre os cidadãos, fortalecendo os princípios democráticos de igualdade e justiça social. Na recente pandemia de COVID-19, vimos de forma dramática como respostas desencontradas, mesmo que formalmente certas, ampliaram tanto a catástrofe sanitária quanto a crise econômica. Ao mesmo tempo, as respostas solidárias emergenciais empreendidas por toda a sociedade, a existência de estruturas de saúde pública eficientes e os programas sociais de atendimento aos mais pobres foram fundamentais para minimizar o sofrimento da população e evitar ainda mais mortes.

***Sociedades divididas, em conflito, permitem o enriquecimento de uns poucos, mas não constroem o bem comum. Contudo, no mundo todo, a polarização entre os diferentes grupos ideológicos tem tornado cada vez mais difícil chegarmos aos consensos básicos para a ordem política. Ao mesmo tempo, as crises econômicas que abalaram a confiança das classes médias e colocaram em risco as políticas sociais dos governos, bem como a emergência de novos atores políticos, antes marginalizados e excluídos, vêm comprometendo cada vez mais a solidariedade, como virtude universal. Todos concordam com a necessidade da solidariedade, mas encontram uma infinidade de objeções que dividem a sociedade entre aqueles que merecem e aqueles que não merecem nossa solidariedade.***

"O princípio da solidariedade, também enunciado sob o nome de 'amizade' ou de 'caridade social', é uma exigência direta da fraternidade humana e cristã [...] A solidariedade manifesta-se, em primeiro lugar, na repartição dos bens e na remuneração do trabalho. Implica também o esforço por uma ordem social mais justa, em que as tensões possam ser mais bem resolvidas e os conflitos encontrem mais facilmente uma saída negociada. Os problemas socioeconômicos somente podem ser resolvidos com a ajuda de todas as formas de solidariedade: solidariedade dos pobres entre si, dos ricos com os pobres, dos trabalhadores entre si, dos empresários e empregados na empresa; solidariedade entre as nações e entre os povos. A solidariedade internacional é uma exigência de ordem moral. Dela depende, em parte, a paz do mundo" (Catecismo da Igreja Católica, CIC 1939-1941).

"Numa sociedade pluralista, o diálogo é o caminho mais adequado para se chegar a reconhecer aquilo que sempre deve ser afirmado e respeitado e que ultrapassa o consenso ocasional. Falamos de um diálogo que precisa de ser enriquecido e iluminado por razões, por argumentos racionais, por uma variedade de perspectivas, por contribuições de diversos conhecimentos e pontos de vista, e que não exclui a convicção de que é possível chegar a algumas verdades fundamentais que devem e deverão ser sempre defendidas. Aceitar que há alguns valores permanentes, embora nem sempre seja fácil reconhecê-los, confere solidez e estabilidade a uma ética social. Mesmo quando os reconhecemos e assumimos por meio do diálogo e do consenso, vemos que estes valores basilares estão para além de qualquer consenso, reconhecemo-los como valores transcendentes aos nossos contextos e nunca negociáveis" (*Fratelli tutti*, FT 211).

# Dificuldades e incompreensões no caminho da amizade social

***Por meio da fraternidade e da solidariedade, a amizade social é um tema recorrente na Doutrina Social da Igreja. Nem por isso é um tema tranquilo e bem compreendido. As polarizações políticas e ideológicas falam alto em nossos corações, tornando frequentemente inaudível a mensagem evangélica, em sua integralidade e radicalidade.***

Francisco Borba Ribeiro Neto*

Luciney Martins/**O SÃO PAULO**

"Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei" (Jo 13,34), "amai o teu próximo como a ti mesmo" (Lc 10,27): o amor ao próximo é a origem indubitável da ênfase cristã à fraternidade e à solidariedade. O problema é que essas passagens não podem ser lidas sem a referência a tantas outras que explicam quem é "o próximo". Desnecessário é lembrar a parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37), que orienta a reflexão do Papa Francisco na *Fratelli tutti* (Cap. II). Mas, talvez ainda mais desafiadora seja a passagem de Mateus (25,35-45), na qual o bom Rei amaldiçoa e envia ao fogo eterno aqueles que não deram de comer e de beber aos necessitados, não acolheram os doentes e os estrangeiros, nem visitaram os presos (referência óbvia a todos aqueles que nós consideramos errados e merecedores de condenação).

**A precedência da caridade e as ideologias.** Frequentemente, temos a ilusão de que a doutrina social católica é o resultado de uma teorização que, a partir de um conjunto de premissas abstratas, estabelece o que é certo e o que é errado, o que constrói e o que é contrário ao bem comum. Mas a reflexão social da Igreja, ainda que seja teológica, nascida e orientada pela fé (cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, CDSI 72-75), parte da experiência concreta daqueles que vivem a caridade social. Nasce da prática do amor ao próximo, não de teorizações abstratas – a

Arte: Sergio Ricciuto Conte

reflexão busca, na riqueza do saber teológico, as motivações e os alertas que orientam a ação (cf. CDSI 3-6).

Por isso, a coerência interna da doutrina social não vem de seus nexos ideológicos. Frequentemente, os católicos são criticados porque aparentemente adotam posturas ideologicamente diversas e até conflitantes, mas essa é uma consequência dessa primazia de um sadio pragmatismo orientado pelo amor ao próximo: aquilo que traz o bem para as pessoas deve ser abraçado, mesmo que pertença a um programa político diverso do meu. Evidentemente, esse pragmatismo deveria implicar um compromisso teórico de buscar, sempre que necessário, uma nova síntese, um novo programa social, que integre com harmonia as propostas aparentemente conflitantes. Esse, contudo, é um segundo passo que só pode ser dado a partir do reconhecimento da prioridade do amor ao próximo.

Quando esse princípio da caridade como virtude social perde sua justa posição, na base da reflexão, a doutrina católica termina por ser, inevitavelmente, instrumentalizada por uma ou outra leitura ideológica. Todos estamos sujeitos às reduções ideológicas da realidade, nenhum de nós é uma divindade com a capacidade de abarcar o real integralmente e sempre estar correto. Sem a percepção do amor, que é, antes de tudo, misericórdia de Deus para conosco e com os nossos limites, tentamos nos apoiar em concepções ideológicas e posicionamentos conceituais – os quais, ainda que corretos em muitos aspectos, nunca serão perfeitos e capazes de tornar o amor desnecessário. Afinal, como disse Bento XVI, na *Deus Caritas Est*, "o amor — *caritas* — será sempre necessário, mesmo na sociedade mais justa" (DCE 28b).

Muitas vezes, temos a ilusão de que, denunciando a ideologia de nossos oponentes, estaremos livres do perigo de sermos manipulados ideologicamente. Ledo engano. Combater a ideologia com a teoria significa entrar no próprio jogo dos ideólogos. Quando Tomé pergunta a Jesus qual é o caminho, Ele não responde apresentando percursos morais ou posições conceituais, mas um fato, a Sua própria existência: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (cf. Jo 14, 5-6). É a prática do amor, em sua integralidade e realismo, que supera as ideologias – não as considerações teóricas.

**Um caminho de diálogo.** Em função de nossas polarizações e da contaminação ideológica (tão inevitável no pensamento humano como o próprio pecado), o tema da amizade social, em suas várias decorrências, se tornou tão problemático no interior da Igreja. Desejamos nos justificar, convencer e até forçar os outros a pensar como nós, lemos o magistério católico de forma seletiva, buscando o que nos agrada e omitindo o que nos desagrada. Faz parte da nossa natureza humana, sempre contraditória e sujeita ao pecado.

Porém, como o Papa Francisco sabiamente alerta, nosso problema não é sermos pecadores, mas, sim, corruptos (ver *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016). O pecador, ao pecar, se entristece e procura se emendar. Poderá ter sucesso e não voltar ao erro, poderá falhar e ter que começar tudo de novo. A misericórdia não o abandonará jamais e poderá recomeçar quantas vezes forem necessárias para se tornar virtuoso naquele aspecto. O corrupto, pelo contrário, ao pecar se compraz de seus malfeitos, alegra-se e até se orgulha dos ganhos que colheu de modo injusto. Não quer ou, arrogantemente, julga não precisar da misericórdia. Deus não deseja se afastar dele, mas ele se afasta de Deus.

De modo análogo ao corrupto, podemos nos entregar a nossas posições partidárias, só procurar os erros dos que pensam diferente de nós, convencermo-nos de que realmente não temos nada de bom a aprender com o outro, que ele realmente deve ser cancelado do debate social. Infelizmente, não é mera coincidência qualquer semelhança com o fariseu, que rezou a Deus agradecendo porque era melhor do que o publicano e, por sua presunção, não foi perdoado (Lc 18,9-14).

Quando nos colocamos nessa posição, não importa se nos imaginamos melhores por sermos de direita, centro ou esquerda, recusamos o diálogo com o diferente e acabamos por nos fechar até mesmo a Deus, que sempre é surpreendente na criatividade com que nos corrige e nos fascina. Mas, seguindo outro caminho, podemos reconhecer que uma centelha de verdade existe em todos nós, que o diálogo com o diferente sempre poderá enriquecer tanto a nós quanto ao outro.

O diálogo é o caminho da verdadeira amizade. Para sermos amigos, não precisamos concordar com o outro. Precisamos de algo ainda mais radical: querer o seu bem. Todos experimentamos, ao longo da vida, a diferença entre um debate em que queremos mostrar ao outro que estamos mais certos, até mesmo destruindo suas convicções, e um diálogo em que juntos procuramos aquela verdade que será um bem para nós dois.

O diálogo é o caminho tanto para a fraternidade e a unidade eclesial quanto para a amizade social que constrói o bem comum. Não implica desacreditarmos da Verdade que encontramos ou relativizá-la, mas em termos a segurança de saber que, quando buscamos entender e amar o outro, seremos capazes de entender essa Verdade de um modo ainda mais integral – e nos comprometermos cada vez mais com uma sociedade mais justa e fraterna, buscando ser "mais santos".

**Más objeções e boas perguntas.** Frequentemente, encontramos mil motivos para nos recusarmos ao diálogo. São os outros que não o desejam, que apresentam sempre os mesmos argumentos, que procuram nos manipular e/ou cancelar... E, de fato, essas coisas realmente acontecem muitas vezes.

Contudo, o que se apresenta como dificuldade não pode se tornar uma objeção. Quando as dificuldades que emperram o diálogo se tornam objeções para nós, é sinal de que já perdemos a batalha mais importante: aquela pelo nosso coração. A lógica do Cristianismo não é igual à do mundo. O adversário não é alguém a ser destruído, mas alguém com quem descobrir um novo caminho de encontro. Não podemos ser ingênuos e acreditar que o encontro sempre irá ocorrer, que o outro não pode desejar e fazer o mal; mas não podemos nos furtar à tentativa de dialogar, de descobrir os pontos em comum, as dores a serem acolhidas, o futuro que, bem ou mal, poderá ser compartilhado.

As objeções são obstáculos a serem removidos em nós mesmos. Pelo contrário, as boas perguntas são um caminho a ser trilhado sempre. Uma boa pergunta, que não se apresenta como desafio agressivo, mas como convite à reflexão, pode sempre ajudar no encontro com aqueles que têm um desejo sincero de bem, mesmo que se coloquem em oposição a nós inicialmente, um passo no caminho com aqueles que poderão ser nossos companheiros de caminhada, apesar das diferenças.

Num debate sobre o papel do Estado, boas perguntas podem ser "sem assistência adequada, será que os pobres não sofrerão injustamente e muitas pessoas capacitadas deixarão de ter oportunidades?" ou "como esses programas sociais evitam o assistencialismo e o populismo?". Quando nos posicionamos contra o aborto, em vez de condenar o outro lado, pode ser melhor perguntar sobre a diferença entre os filhos desejados e batalhados por tantos casais e aqueles indesejados e abortados, não são seres humanos tanto uns quanto outros? Ou será que a dor da mulher que aborta não seria menor se ela tivesse uma real oportunidade de ser feliz com seu filho, em vez de perdê-lo?

Boas perguntas dependem de um olhar atento ao outro, a um real desejo de entender o seu coração, conhecer o desejo de felicidade que o mobiliza, pois todos nós somos mobilizados pelo nosso desejo de felicidade. A reação do outro muitas vezes não será a que gostaríamos, porém, mãos estendidas têm muito mais chance de encontrar outras mãos estendidas do que punhos fechados.

*Coordenador do Núcleo Fé e Cultura da PUC-SP

# Oito passagens da *Fratelli tutti* para entendermos a amizade social

O Bom Samaritano/Francesco Bassano

*"FRATELLI TUTTI"*, escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor do Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, "o seu irmão, tanto quando está longe como quando está junto de si" [Admoestações, 25. *Fonti franciscane*, 155] Com poucas e simples palavras, explicou o essencial de uma fraternidade aberta, que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita. Este Santo do amor fraterno, da simplicidade e da alegria, que me inspirou a escrever a encíclica *Laudato si'*, volta a inspirar-me para dedicar esta nova encíclica à fraternidade e à amizade social. Com efeito, São Francisco, que se sentia irmão do sol, do mar e do vento, sentia-se ainda mais unido aos que eram da sua própria carne. Semeou paz por toda a parte e andou junto dos pobres, abandonados, doentes, descartados, dos últimos (*Fratelli tutti*, FT 1-2).

***O Papa Francisco reforça, na Fratelli tutti, a importância da fraternidade e da amizade social. A pessoa humana é um ser social, que se realiza nas relações com os demais. Não é uma novidade na doutrina católica. Os cristãos sempre souberam que a caridade deve se manifestar como virtude social, que determina nossas relações de uns para com os outros. Orientados por variadas visões políticas, poderemos ter ideias diferentes sobre as melhores formas de viver a dimensão política da amizade social e da construção do bem comum. Contudo, permanece sempre o compromisso cristão de, pensemos como quer que pensemos, nos perguntarmos como estamos colaborando para estar juntos e apoiarmos particularmente nossos irmãos em dificuldade. Para os cristãos, as diferenças deveriam ser ocasião para o diálogo e para a busca sincera pela verdade, não para a condenação mútua e a divisão.***

**O amor, e não uma posição ideológica, nos impulsiona.** O amor implica algo mais do que uma série de ações benéficas. As ações derivam de uma união que propende cada vez mais para o outro, considerando-o precioso, digno, aprazível e bom, independentemente das aparências físicas ou morais. O amor ao outro por ser quem é, impele-nos a procurar o melhor para a sua vida. Só cultivando esta forma de nos relacionarmos é que tornaremos possível aquela amizade social que não exclui ninguém e a fraternidade aberta a todos (FT 94).

**O valor e a dignidade da pessoa.** Para se caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, há que fazer um reconhecimento basilar e essencial: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância. Se cada um vale assim tanto, temos de dizer clara e firmemente que "o simples fato de ter nascido num lugar com menores recursos ou menor desenvolvimento não justifica que algumas pessoas vivam menos dignamente" (*Evangelii gaudium*, EG 190). Trata-se de um princípio elementar da vida social que é, habitualmente e de várias maneiras, ignorado por quantos sentem que não convém à sua visão do mundo ou não serve os seus objetivos (FT 106).

**O necessário e justo empenho com a política.** Para tornar possível o desenvolvimento de uma comunidade mundial capaz de realizar a fraternidade a partir de povos e nações que vivam a amizade social, é necessária a política melhor, a política colocada a serviço do verdadeiro bem comum. Mas hoje, infelizmente, muitas vezes a política assume formas que dificultam o caminho para um mundo diferente (FT 154).

**Juntos, procurando a "caridade social".** Reconhecer todo o ser humano como um irmão ou uma irmã e procurar uma amizade social que integre a todos não são meras utopias. Exigem a decisão e a capacidade de encontrar os percursos eficazes, que assegurem a sua real possibilidade. Todo e qualquer esforço nesta linha torna-se um exercício alto da caridade. Com efeito, um indivíduo pode ajudar uma pessoa necessitada, mas, quando se une a outros para gerar processos sociais de fraternidade e justiça para todos, entra no "campo da caridade mais ampla, a caridade política" (Pio XI). Trata-se de avançar para uma ordem social e política, cuja alma seja a caridade social (*Quadragesimo anno*, QA 88). Convido, uma vez mais, a revalorizar a política, que é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum (FT 180).

**A unidade é superior ao conflito.** Várias vezes, propus "um princípio que é indispensável para construir a amizade social: a unidade é superior ao conflito. (...) Não é apostar no sincretismo ou na absorção de um no outro, mas na resolução em um plano superior que preserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste" (EG 228). Sabemos bem que, todas as vezes que aprendemos, como pessoas e comunidades, a olhar para mais alto do que nós mesmos e os nossos interesses particulares, a compreensão e o compromisso recíprocos transformam-se em solidariedade; (…) numa área em que os conflitos, as tensões e mesmo aqueles a quem seria possível considerar como contrapostos no passado, podem alcançar uma unidade multiforme que gera nova vida (FT 245).

**Com os mais pobres.** A promoção da amizade social implica não só a aproximação entre grupos sociais distanciados a partir de um período conflituoso da história, mas também a busca de um renovado encontro com os setores mais pobres e vulneráveis. A paz não é apenas ausência de guerra, mas o empenho incansável – especialmente daqueles que ocupam um cargo de maior responsabilidade – de reconhecer, garantir e reconstruir concretamente a dignidade, tantas vezes esquecida ou ignorada, de irmãos nossos, para que possam sentir-se os principais protagonistas do destino da própria nação (FT 233).

**Identificar-se com os últimos, para ser irmão de todos.** Mas quero terminar lembrando uma outra pessoa de profunda fé, que, a partir da sua intensa experiência de Deus, realizou um caminho de transformação até se sentir irmão de todos. Refiro-me ao Beato Charles de Foucauld [NR: canonizado pelo Papa Francisco em 15/05/2022]. O seu ideal de uma entrega total a Deus encaminhou-o para uma identificação com os últimos, os mais abandonados no interior do deserto africano. Naquele contexto, afloravam os seus desejos de sentir todo o ser humano como um irmão, e pedia a um amigo: 'Peça a Deus que eu seja realmente o irmão de todos'. Enfim queria ser 'o irmão universal'. Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos. Que Deus inspire este ideal a cada um de nós. Amém (FT 286-287).